



Pibid: Uma parceria educativa de trocas significativas entre escola e universidade

Julia Wassermann Guedes-1

Débora Gherman-2

1-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UniRio

2-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UniRio

Este trabalho apresenta resultados parciais do Projeto Institucional de Iniciação à Docência - PIBID da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, financiado pela CAPES, tendo como foco a área de formação de professores e práticas curriculares, com a inserção de doze licenciandos em Pedagogia, com atuação no Ensino Médio Normal do Colégio Estadual Julia Kubitschek (CEJK). A pesquisa considera as possibilidades de atuar na valorização da profissão docente e aperfeiçoamento da formação do licenciado e dos alunos que se formam professores dentro da referida instituição. Partimos de uma pesquisa sobre narrativas em que os licenciandos (as) e os (as) normalistas se encontram na utopia da construção de saberes significativos que emergem nos relatos sobre sua formação profissional em uma práxis colaborativa, trocando experiências e construindo novas concepções sobre “ser professor” e a valorização da carreira do magistério. Nesta perspectiva, valorizamos os saberes cotidianos reconhecendo a urgência da contextualização da missão pública do Julia Kubitschek e o seu lugar de importância na História da Educação na cidade do Rio de Janeiro. Notadamente, se constitui, desde os anos de 1960 (quando da sua criação), como um lócus educacional sendo reconhecido até hoje pela sua qualidade. Como desdobramento, fica evidenciado o investimento em uma gestão participativa, mais democrática e, portanto, flexível. Podemos supor que esta opção pela participação e construção coletiva possibilita que o Projeto “Iniciação à docência - qualidade e valorização das práticas escolares/Ensino Médio reflete o ideário de uma extensão curricular, entre outros aportes. Os encontros periódicos de planejamento e avaliação com a supervisão e coordenação fazem parte de nossas estratégias e de nossa práxis educativa. Sob esta orientação, os doze bolsistas são organizados em subgrupos para desenvolvermos os temas previamente escolhidos. Neste contexto, experimentamos espaços de aprendizagem e de atuação coletiva. Desenvolvemos nossas oficinas temáticas a partir da construção dialógica, co-

laborativa, com ênfase na possibilidade de trocas significativas. Pesquisamos então de maneira geral a vivência e o cotidiano escolar, analisando os itinerários no cotidiano da escola. Encontramos repetições e diferentes táticas (CERTEAU, 2009) para burlar estas repetições. Acreditamos que o cotidiano de uma escola se define pelas relações tecidas pelos sujeitos que ali se constituem como partícipe. No cotidiano escolar se produzem diversos conhecimentos e segundo Oliveira (2003) “é o espaço-tempo no qual e através do qual, além de forjarmos nossas identidades e tecermos nossas redes de subjetividades [...], tornamo-nos produtores de conhecimentos, mesmo dos chamados conhecimentos científicos”. (OLIVEIRA 2003, p. 54). Nossas ações e vivências ao longo desse ano com as turmas do 1º ano do ensino médio normal, a partir de “oficinas de debates” foram desenvolvidas com base nos relatos e narrativas dos alunos do CEJK e suas representações sobre a carreira docente. A configuração do PIBID favorece a criticidade de ambos os grupos e como pesquisadoras desfrutamos de uma ambiência colaborativa na construção de saberes diversos. Incorporamos temáticas que analisamos como emancipatórias por envolverem questões de identidades e subjetividades. Conforme Miranda “Questões como alteridade, subjetividade, diferenças raciais, diferenças de gênero, identidade e processos de subalternização [...], ganham relevo na análise sobre práticas docentes eurocentradas tendo como base uma educação monolítica e hierarquizante (2009, p. 119). A identidade docente ganhou centralidade e por isso investigamos as expectativas bem como a compreensão dos caminhos a serem percorridos futuramente como professores. Introduzimos os temas sobre Quem sou? Quem sou eu dentro deste espaço? Quem sou eu enquanto um professor em formação? Quais os meus deveres com a sociedade enquanto futuro professor? Enquanto professor tenho deveres diferentes? Que responsabilidades eu tenho que assumir com a sociedade? A roda de conversa realizada na oficina gerou reflexões que nos surpreenderam, pois aparentemente

alunos que pouco se interessavam pelo assunto começaram a participar ativamente, inclusive escrevendo textos que expressassem seus sentimentos e desejos em ser um professor comprometido com uma educação de qualidade. As oficinas com os grupos ingressantes favoreceram a relação com o conhecimento formal fomentando a curiosidade e seu maior interesse pelo ensino médio. Como sujeitos ativos e produtores da cultura escolar nos reinventamos coletivamente reinventando nossas histórias. Nesta experiência, negociamos e aprendemos sobre diferentes práticas educativas e sobre espaços diferenciados de aprendizagem. Também aprendemos com os alunos sobre a reinvenção do nosso olhar acerca da carreira docente além de recompor a experiência acadêmica. Acreditamos em uma formação de professores, coordenadores, gestores emancipatória. Sendo assim pensamos juntamente com Freire que “a inexperiência do diálogo leva o sujeito à passividade, ao conhecimento memorizado, que não exige elaboração ou reelaboração, “[...] nos deixa em posição de inautêntica sabedoria. [...]” (FREIRE, 2001, p.104). Portanto, procuramos dialogar, questionar e avançar no nosso discurso pedagógico dentro e fora das salas de aula, questionando, repensando e trabalhando com os praticantes da escola o conhecimento que muitas vezes passa despercebido ou como algo corriqueiro pelo próprio cotidiano, para que não sejamos apenas agentes passivos da educação, mas que a transformemos. A metodologia adotada é justamente a ausência de um rigor metodológico. Flexibilizamos nosso planejamento agregando o formato de oficina para contemplarmos interesses diferenciados e comuns. Conforme Fraco (2003), “de modo geral, uma metodologia de análise “a priori” nega a possibilidade do “com”, do “fazer junto”. Resulta em uma metodologia que antecede que pensa antes o que poderá acontecer. Possível, mas não passa de previsões, como as do tempo. E neste sentido “a identificação objetiva de “categorias” e/ou “temas” de análise dos cotidianos só é possível, só tem sentido em estudos e pesquisas “sobre” os cotidianos. Pesquisar “sobre” traz a marca da separação entre sujeito e objeto” (Ibidem). Assim, identificamos o cotidiano como objeto em si, fora daquele que o estuda que o pensa ao se pensar. Traz a marca do singular, do identificável em sua condição de objeto. Fraco destaca ainda que “pesquisar “sobre” aponta a lógica da diferença, do controle”. Resulta no sujeito que domina, ou crê dominar, o objeto. Um “sobre” o outro, que “encobre”, que se coloca “por cima” do outro sem entrar nele, sem o “habitar” (FERRAÇO, 2003 p.162). Esta liberdade metodológica também deixa os alunos confortáveis para o debate nas oficinas. Ressal-

tamos que emergem temas que normalmente não são levados para dentro de sala de aula, além de uma aparente liberdade de escolha do modo de encaminhamento do pensar. Observamos que este trabalho tem sido relevante, pois o que acompanhamos até agora como possíveis resultados são reflexões sobre as expectativas dos secundaristas bem como as impressões dos coordenadores sobre o envolvimento desse coletivo com a comunidade escolar. Estes são apenas resultados parciais, pois nossas oficinas estão em andamento e no percurso temos outros desafios como investigadoras praticantes no cotidiano da escola. Convém ressaltar que sempre que possível os alunos nos escrevem textos expressando suas ideias sobre algum dos temas discutidos - o que consideramos como um resultado positivo do nosso trabalho. Através destes textos confeccionados por eles, vimos como o debate gerou significados e novas ideias para jovens estudantes de escola pública e como essas narrativas ajudam a refletir sobre sua carreira e vida como possíveis docentes.

Referências Bibliográficas

- CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano1: as artes de fazer, Petrópolis, Vozes, 16ªEd, 2009.
- FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. IN: Garcia, R. L. (Org.). Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 25. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- MIRANDA, Claudia. Colaboração intercultural e divisão de poder: perspectivas de descolonização entre professoras e estudantes da escola pública. In: ANDRADE, M. A diferença que desafia a escola: a prática pedagógica e a perspectiva intercultural. Rio de Janeiro: QUARTET, 2009.
- OLIVEIRA, I B Currículos Praticados: entre a regulação e a emancipação, Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

Área: Cotidiano Escolar

Palavras-chave: cotidiano; formação de professores; oficinas de identidade